ANO 3.º LISBOA--SEXTA-FEIRA, 1 DE JUNHO DE 1923 N.º 660

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Seculo, 43

CONSTITUIU um insofismavel triunfo para o nome português a sessão solene da Sorbonne, ontem realizada em Paris. E' das mais belas paginas de consagração legitima para um povo, cheio de lendas gloriosas e de façanhas epicas como é Portugal, e que tanta vez esquecido neste concerto egoista das nações do seculo XX, por seu proprio esforço conseguiu fazer-se respeitar e consagrar por esse belo e orgulhoso país que é a França, tão reservado em manifestações desta grandeza.

Como jornalistas compreendemos a satisfação com que o nosso prezado colega o *Diario de Noticias*—cujo nome está ligado á iniciativa da festa da Sorbonne—relata o triunfo português em Paris e daqui enviamos ao sr. dr. Augusto de Castro e aos redactores do seu seu jornal o nosso cumprimento.

* * *

O SR. ministro da Instrução assistiu ontem, oficialmente, á representação do original português, de Norberto Lopes e Chianca de Garcia, *Filha de Lazaro*, e que, como é sabido, constituiu a muitos titulos um exito de arte e de letras. A atitude do sr. dr. João Camoesas é logica. O ilustre ministro, que acabou de dissolver por uma patriotica intenção artística, a Sociedade do Teatro Nacional — a que certamente estarão reservados melhores dias — provou com a sua presença ontem no Politeama que merecem ao governo um carinho especial os originais dos autores portugueses e todo o esforço no intuito de levantar o teatro da nossa terra.

* * *

LORD Ronaldshay anunciou ha três dias, na Sociedade de Geografia de Londres, que vai tentar-se de novo a ascensão do monte Everest, na cordilheira do Himalaia. Caso a expedição seja coroada de sucesso, é natural que se diga que os homens vencem todos os misterios da natureza.

Pena é que depois deles vencidos, nós sintamos a grande falta que nos fazem.

* * *

O SR. ministro das Finanças declarou ontem, na Camara, em resposta ao sr. Morais Carvalho, que considera a sua proposta sobre tabacos como um objecto de livre discussão, desejando, sobretudo, que os interesses do Estado sejam eficazmente defendidos. Esperamos que estas belas palavras não venham a sofrer qualquer desmentido...

* * *

E' POSTA amanhã á venda a novela policial o *Crime da Avenida*, do brilhante advogado e poeta da *Urze do Monte*, sr. dr. Mario Monteiro. A novela que é muito interessante trata um caso politico em que a figura principal é muito conhecida nos nossos meios.

* * *

AINDA no mês de junho, deve ser posto á venda um novo livro de Rocha Martins—*Pombal, Pupilo dos Jesuitas*, que esclarece alguns aspectos, bastante ignorados, da vida do homem que foi ministro de D. José I.

* * *

DEU-NOS hoje a honra da sua visita o sr. presidente do ministerio que nos veiu significar os seus agradecimentos pelas felicitações que lhe dirigimos, por ocasião do seu aniversario.

DIPLOMACIA

Como continuação logica e natural das considerações que ontem fizemos, salientando a urgencia de Portugal se defender, no estrangeiro, dos boatos e noticias caluniosas que o molestam ou maculam, dizemos hoje meia duzia de palavras sobre os nossos serviços diplomaticos que enfermam de vicios que, se não forem remediados prontamente, devem trazer-nos muitos amargos de bôca.

Nós encontramo-nos numa epoca em que tudo se renova, porque a vida acusa necessidades tão ignoradas das epocas passadas que visivelmente não podem ser satisfeitas por orgãos e processos velhissimos.

Em que relação se encontra a nossa diplomacia com as mudanças que o mundo sofreu, depois da guerra?

Para respondermos amplamente a esta pregunta, seria necessario um estudo demorado e uma apreciação de pessoas que, neste momento, não queremos fazer.

Não temos duvida, porém, em afirmar que a nossa organisação diplomatica e consular carece duma remodelação profunda que faça dela qualquer coisa de novo e desempoeirado, de maneira a corresponder a uma realidade.

Para isso, requere-se que o nosso ministerio dos Estrangeiros se reorganise, não só criando as oficinas de que carece, a fim de ser o elemento mais importante da nossa expansão economica, mas tambem firmando a nossa politica internacional em principios e metodos que a tornem firme e segura na sua orientação.

Mal se compreende que, sendo o nosso país um dos mais importantes como potencia colonial, nós não tenhamos junto das outras nações quem nos represente com o brilho que seria para desejar.

Os homens estão sujeitos a fraquesas ainda mais morais do que fisicas.

A diplomacia exige uma forma de inteligencia que não abunda mesmo, entre os politicos.

Pode um dado individuo ser um grande escritor, um jornalista distinto, um militar valente ou um matematico de talento, sem que possua sequer uma das altas qualidades que recomendam um diplomata.

Entre nós, nem sempre se atendeu a isto na escolha dos nossos chefes de legação ou de embaixada.

Por uma indução mais que precipitada, concluia-se que o valor de um individuo, num dado ramo do saber ou da actividade humana, lhe garantia o triunfo em todos os outros.

Assim é que os nossos diplomatas nem sempre conseguiram demonstrar que este raciocinio não era absolutamente falso...

A MÁ SINA

— Fui atropelado por uma carroça...

— Andas sempre com azar! Ainda se fosse por um automovel talvez recebesses indemnisação...

RECEBEMOS a seguinte carta, que muito nos apraz publicar:

Sr. director

Lisboa é uma terra em que, de vez quando, atravessa as suas ruas de maior movimento um vulgar cão vadio, tão abismado em meditações intimas que nem nota quão adiantados nós estamos nas conquistas das liberdades.

Ontem vi um triste podengo, de mau pêlo, o focinho inclinado para o chão, num gesto de renuncia total, que, junto aos armazens Grandela, teve ocasião de mostrar que nos admira sem reservas.

Como não pudesse abrir caminho, atravez da turba que enchia o passeio, quiz desviar-se cautelosamente para o lado da rua, a fim de não incomodar nem ser incomodado.

Logo uma bengala agressiva, manejada por um braço forte e peludo, lhe caiu sobre o dorso, obrigando-o a ganir lamentosamente.

Não fugiu, talvez porque o seu estado de fraquesa não lhe consentia violencias desportivas.

Isto que devia incitar á piedade o agressor, tornou-o colerico contra o pária que não sabia sofrer e calar.

Novas bengaladas e novos lamentos. Perante a dôr do desgraçado, o homem da bengala riu-se com a satisfação de ser um vencedor.

Como o *Diario de Lisboa* ainda ontem se referia á necessidade de defendermos o nosso nome no estrangeiro, parece-me que tambem ha uma certa conveniencia em não crearmos antipatias profundas com a raça canina, pois que os seus representantes, além de velhos amigos do homem em geral, sempre manifestaram pelos portugueses um afecto que não pode pagar-se com pauladas.

De v.,
José Piedoso.

* * *

AO contrario do que se diz, torna-se cada vez mais dificil encontrar uma plataforma que sirva para reconduzir os nacionalistas ao Parlamento, mas de cabeça levantada.

Se não fôr possivel achar uma solução para um caso tão complicado, o que não quer dizer que não tenha muito de infantil, talvez se chegue a este expediente — reconhecer aos parlamentares em greve o direito de cada qual proceder como julgar conveniente.

* * *

SEGUNDO consta, na reunião do Diretorio do Partido Republicano Português, efectuada ontem á noite no ministerio do Interior, versou-se largamente a escolha da entidade a suceder ao actual presidente da Republica.

Guardou-se, porém, o maior sigilo sobre o assunto.

* * *

A EXPLENDIDA vila de Arnaga, que Edmond Rostand possuia em Cambo-les-Bains, já foi á praça duas vezes, sem haver quem se tente com a aquisição.

Parece que o novos ricos que a poderiam comprar, receiam defrontar-se com o espectro de Cyrano de Bergerac...

* * *

REALIZAM-SE no proximo domingo, 3, em favor da Cantina Escolar Flôres de Bemfica, grandes festas desportivas, concertos musicais e venda da flôr, promovidas por uma comissão de senhoras.

A fotografia

Domingos Alvão

Domingos Alvão é hoje o mais notavel fotografo-paisagista da nossa terra. Todo o norte maravilhoso dos campos vive, palpita, perpassa nas suas admiraveis colecções, que são verdadeiras obras primas de ternura idilica, de encantadora simplicidade, de documentação etnografica. E a tal ponto o ilustre artista leva a devoção da sua arte, que é um dos nossos mais notaveis poetas, o sr. Antonio Correia de Oliveira, quem lhe baptisa os quadros. De facto, só um poeta como o autor da *Raiz* poderia escrever as legendas de tão bucolicos assuntos, em perfeita harmonia com os seus liricos poemas.

O distincto publicista sr. dr. Henrique Trindade Coelho teve recentemente ocasião de visitar no Porto o «atelier» do artista e das impressões colhidas, diz a seguinte carta que no mesmo dia escreveu a Domingos Alvão e nós temos o prazer de publicar:

...*Sr. Alvão*

Graças mil pela obrigante graciosidade de V.

Fez-me bem — ao espirito e ao coração — esse fugaz quarto de hora em que eu — esquecido do *boulevard* e do calão estrangeiro — por momentos mergulhei em *coisas portuguesas*.

Está v. no sulco nacionalista que, a meia duzia de fieis da confraria amiga, de ha tempos a esta parte vem trilhando.

Como português que encontra outro português no culto dos mesmos motivos emocionais — paisagem, costumes, tipos e luz nossos — calorosamente e agradecidamente lhe aperto a mão.

O insistente culto de v. — num ramo tão industrialisado e desnacionalisado como é a fotografia — tem qualquer sopro de *ideal*.

E' o ideal do *fundo celta* que o Norte guarda, quasi intacto, para as duvidas inquietadoras do Futuro. E, oxalá, lá longe, nós não venhamos a precisar ainda desses pequenos *documentos de confirmação* que, nas paredes claras da sua sala, enternecidamente nos acenam — e nos comandam!

Essa *mancha* do alpendre da capelinha remota; a ascese penetradora das perspectivas adormecidas; as duas supremas figuras de mulheres; e esse fundo, sobretudo, da ingenua e lugida Piedade, em que mais *se adivinha* que *se vê*, no murmurio incoercivel da reza do serraninho, — que passa e se eleva e penetra como um sopro divino acordado pela genuflexão humana —; essa mancha, repito, que levo na alma e nos olhos para as barbaras retaliações do Sul e para o *jazz-band* dos *teas dancings*, vai ser, de hoje em diante, um dos rumos votivos da minha obscura campanha nacionalista. Pequena mancha, esta mancha!... Mas eterna como uma perola ou como uma lagrima.

Aqui deixo a v., duas horas antes da partida, a minha admiração e a minha gratidão de português e de artista.

Trindade Coelho

TEATRO S. CARLOS

SABADO 2 e QUARTA-FEIRA, 6

2 unicos concertos pela **FILARMONIA DE LISBOA** — Grande orquestra portuguesa de 85 executantes, por associação dos melhores artistas de Lisboa (Secção musical do grupo «Pró-Arte») sob a direcção artistica do maestro português **Francisco de Lacerda**, com a colaboração no 2.º concerto da insigne violoncelista portuguesa **Guilhermina Suggia.** — Continua até ao dia 1 aberta a assinatura, devendo dentro deste praso reclamar os seus bilhetes todas as pessoas que fizeram marcações.

Não se esqueçam

de que em todo o Paiz só os fabricantes

Donas da Covilhã

vendem directamente ao publico todas as qualidades de fazendas de lã para

Fatos e Vestidos

em todos os padrões e côres por preços baratissimos ao alcance de todas as bolsas

DEPOSITOS DE VENDAS A RETALHO:

Em LISBOA — Rua dos Fanqueiros, 187, 2.º.

No PORTO — Rua Fernandes Tomaz, 392-A.

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO, 74

A MUSICA

O CONCERTO DA SOCIEDADE NACIONAL DE MUSICA DE CAMARA

O concerto que a benemerita agremiação, Sociedade Nacional de Musica de Camara, creio que para fechar a actual serie, ontem á noite realizou, foi mais um triunfo para os seus dirigentes e colaboradores. Poucos concertos chamam ao salão do Conservatorio uma tal afluencia de publico como a que estes atraem sempre. No de ontem, foi tamanha que, tendo-se esgotado a lotação da casa, muita gente se conservou de pé durante a execução dos varios numeros do programa. Abriu este por um solo de piano — *Thema variado*, de Paderewsky — a que a sr.ª D. Maria Teresa Nogueira, talentosa aluna de Rey Colaço, deu o maior relevo, mostrando-se possuidora duma boa tecnica e muita musicalidade, pelo que foi muito aplaudida.

Em seguida foi o auditorio preso pela magia da voz privilegiada de Alice Rey Colaço, a encantadora interprete de *lied* que tantas vezes tem comovido os mais requintados auditorios e que ontem uma vez mais arrebatou os que a escutavam cantando com uma arte infinita e uma fremente emoção *lieder* de Frantz, de Strauss, de Falla e de seu ilustre pai, o grande e erudito mestre de piano e compositor cujas obras têm um *charme* tão caracteristico e pessoal. Neste numero que ontem sua filha primorosamente interpretou — *La Trilla* — revela-se, além da scintilação de espirito dum verdadeiro artista de raça, toda a bem medida compreensão do caracter do *lied* moderno. Por esse motivo foi este numero especialmente aplaudido.

Depois seguiu-se a ilustre e já consagrada rainha das harpistas modernas madame Léa Bach, que numas admiraveis *Variações* de Haydn e numa dificil *Balada* de Pesse, de tal maneira se ergeu na ordem dos primores artisticos, que o publico aplaudiu-a com o mais caloroso entusiasmo, fazendo-a tocar ainda duas peças fóra do programa.

Fechou a sessão o notavel concerto em lá menor de Bach para violino e orquestra d'arcos, no qual o bem conhecido artista Fernando Cabral teve ocasião de pôr em relevo as suas já bem conhecidas qualidades de talento e em cuja direcção o sr. Julio Cardona se mostrou uma vez mais o mesmo mestre que todos os que entre nós se interessam por coisas d'arte se habituaram a venerar como verdadeira autoridade.

Oliva Guerra.

Concerto Palhares

Realizou-se há dias, no Conservatorio Nacional de Musica, um recital de canto pelos discipulos da ilustre artista Mme Carolina Palhares, em homenagem á sua professora. Resultou, como era de esperar, uma bela noite de arte, que nos deixou a melhor impressão sobre o grupo de cantores, cujas qualidades se evidenciaram nas varias fases do programa. E' claro que essa impressão é diversa: para alguns é apenas simpatica pelo seu esforço, que triunfará por completo mais tarde; para outros, é já mais, é um verdadeiro entusiasmo de aplauso. Assim, Maria de Lourdes Cabral, que iniciava o programa, tem uma voz lindissima, quente, extensa, sonora, com uns maravilhosos agudos. Foi um dos sucessos da noite — e só foi pena que aparecesse unicamente uma vez... E' uma artista admiravel — e a forma como interpretou a «Aria das joias» deu-nos a impressão de que terá um lugar marcado na opera lirica — e um lugar de relêvo.

Mais nomes a destacar: o de Mateus, que, no *Racconto*, do *Lohengrin*, deu á sua voz explendida toda a alma que transfigura e que eleva, uma alma que lhe dá uma verdadeira e merecida consagração de artista; o de Maria Antonia Palhares, com 18 anos apenas, e que tem um encantador timbre de voz, duma doçura aveludada e longa, e sempre impecavel na sua harmonia, — que fez um vivo sucesso inteiramente justo. Além destes, é claro, outros discipulos de Mme Palhares nos deram belos momentos de enlêvo: por exemplo, Fernanda Trigo de Brito, soprano ligeiro, com uma voz volumosa e bonita; Jeronima Dantas Machado, suave, gentil; Palmira Pinto Coelho, explendida no registo agudo; Henriqueta Esteves e Julia Duque, duas sensibilidades; Ruy Alberto, uma esperança equilibrada.

E aqui ficam em sintese, as nossas recordações dessa noite de arte. Recordações que são, ao mesmo tempo, um prazer intimo para o nosso espirito — e uma homenagem sentida a Mme Palhares, a notavel professora e a superior artista.

Conrado del Campo

Chegou ontem a Lisboa o grande artista Conrado del Campo, autor de composições do mais alto valor (entre as quais figuram duas operas notaveis) e musicologo dos de mais solida envergadura do moderno movimento musical espanhol. O ilustre artista, membro do Conselho Superior de Belas Artes de Madrid e do Conselho de Instrucção Publica, da mesma cidade, vem expressamente a Portugal a convite da sr.ª D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso a fim de realizar no festival de musica espanhola que esta senhora realiza na noite de sexta feira proxima no teatro S. Luís, uma conferencia sobre «*Las modernas orientaciones de la musica hespanhola*». Quando outros atractivos não houvesse, este só bastaria para chamar ao teatro de S. Luís na proxima sexta feira, uma verdadeira *élite* de amadores de cousas belas. Se dissermos, porêm, que além deste ha ainda o *orfeon* dirigido e ensaiado com o maior carinho pelo dr. Antonio Joyce, numeros de piano, canto e violino e recitação em cuja execução estão empenhados os nomes brilhantes de D. Elisa B. de S. Pedroso, Tomás Téran, D. Adelaide Lima Cruz, D. Maria Amelia Cid Pereira Coutinho, D. Ema Santos Fonseca, D. Alice, D. Maria e D. Amelia Rey Colaço, René Bohet e Francisco Benetó, poder-se-ha fazer uma ideia do entusiasmo que esta festa está despertando.

MOEDAS E NOTAS

DE TODAS AS NACIONALIDADES

LIBRAS E MOEDAS DE OURO

PANCADA, MORAES & C.A

RUA AUGUSTA, 37 (esquina Rua São Julião)

OPERAÇOES DE CAMBIO, CREDITO E BOLSA

Pelo "sport"

Casa Pinto & Sotto Mayor

Por ocasião da inauguração da filial em Coimbra da Casa Pinto & Sotto Mayor, realiza-se naquela cidade, depois ámanhã, domingo, um encontro de «foot ball» entre os «teams» de Lisboa e Porto da mesma Casa, disputando-se a Taça «Ottos» que foi oferecida pelos srs. Antonio Vieira Pinto e dr. Candido Sotto Mayor, para ser disputada entre o pessoal da sede e filiais.

O "team" militar de Madrid

No rapido de Madrid, chegaram hoje ás 15 h. 15 m., os jogadores do «team» militar de Madrid que depois de ámanhã se encontrarão no Stadio, com o onze da guarnição de Lisboa. Com os «players madrileños vieram os majores espanhois Suarez Sousa e Muñoz Leon.

Na gare, com o adido militar espanhol, viam-se bastantes oficiais do nosso exercito, e uma centena de civis, que acompanharam os visitantes até aos automoveis que os conduziram á Escola Militar.

Quando os carros se puseram em marcha, os assistentes tributaram aos jogadores madrileños uma prolongada salva de palmas.

TEATRO SÃO LUIZ

ÁMANHÃ

RECITA EXTRAORDINARIA

Unica representação da celebre opereta

A VIUVA ALEGRE

Brevemente — A mais colossal maravilha cinematografica: OS LOBOS, tragedia rustica em 8 partes, passada na Serra da Estrela e outros lugares do país.

TEATRO AVENIDA

Companhia AURA ABRANCHES

MADALENA ARREPENDIDA

Grande sucess

Segunda-feira, 4

Recita de homenagem á autora

DR. MIGUEL DE MAGALHÃES

Monitor da clinica de Necker — Paris

RINS e vias urinarias. Venereologia e sifilis.

T. N. de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 h. Telef. 5205-N

Gama

GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS

para todas as

LOTERIAS

Fornece para revender

PREÇOS CORRENTES

— Pelo correio mais $20 para registo —

TELEFONE NORTE 4020

Pedidos a

F. SILVA GAMA

R. do Amparo, 51 — LISBOA

MAQUINAS DE ESCREVER

IDEAL

A mais completa, accessorios e reparações garantidas. Quintino Ltd.ª Tel. N. 4225. CALÇADA DO DUQUE, 3, 1.º (Junto ao Rocio).

A Concorrente

de A. Mendonça Perdigão

Reparações garantidas em maquinas de escrever

Vende e compra sempre aos melhores preços, maquinas em segunda mão. Fazem-se copias á maquina.

Calçada do Carmo, 3, 3.º E. — Telef. N. 4076

LITERATURA

Vinte e seis observações

sobre os rapazes

POR FERNANDO DE HOMEM CHRISTO

Dar o que nos foi dado é bem facil (comquanto seja feio); por isso nós, rapazes, temos os bolsos francos.

* * *

A nossa largueza, quando não é vinho, é calculo, ou justamente o contrario: pouca pratica em calcular depressa e de cabeça; e nunca deixa de ser a imprevidencia de quem não tem encargos, nem deveres.

* * *

Não nos envergonhamos de pregar calotes para não nos arriscarmos á vergonha de nos tomarem por pelintras.

Incorremos na humilhação de não ter quando *devemos* ter para evitarmos parecer não possuir aquilo que a decencia nos não forçava a possuir.

Para oferecer á nossa vaidade a ilusão de dispôrmos do superfluo impossibilitamo-nos de dar á nossa comodidade o necessario.

* * *

Ninguem dá menos esmolas do que nós; e quando as damos obedecemos mais ao nosso humor e ás nossas simpatias do que á justiça e á necessidade daqueles que as recebem.

* * *

Essa largueza é entre os rapazinhos muito novos um dos aspectos que reveste a sua preocupação de proceder como os homens. Mete-se-lhes na cabeça que é por a gente os vêr distribuir pouco dinheiro que os supõe crianças, e chegam a esquecer-se de que por os vêrmos crianças é que os supômos sem dinheiro—como não consideram que, se dar pouco é ser menino, os pais, que lho negam, tendo-o, seriam mais meninos do que eles, que só o negam porque o não têm.

* * *

Quem nos não tem visto insultar grosseiramente um mendigo que nos toma o passo e nos demora numa pressa? Um burguês quarentão e antipatico não dará esmola—mas tambem não dá empurrões.

* * *

Dizeis que temos um coração generoso, mas reparai e notareis que essa suposta grandeza é muitas vezes uma forma de vaidade.

E' sobretudo comnesco, com os nossos apetites e fraquezas que nós somos generosos. Tambem o somos com os seres muito mais fracos do que nós, e isso não é favor; as criaturas fracas não excitam o nosso orgulho intoleravel e intolerante, e a opinião publica e a policia (?) reprimiriam com severidade o mal que lhes fizessemos.

A verdadeira generosidade é a que pôi á prova a suberba do macho, é a do homem forte que não temendo outro tão forte como ele o desculpa, o compreende e indulgentemente lhe perdoa. A circunstancia da malidicencia atribuir essa atitude ao medo não lhe altera a qualidade e mais valor ainda lhe dá —mais dificil a torna, mais energia dalma nela patenteia; e afinal a generosidade assim compreendida não é apenas efeito mas tambem causa duma maior força.

* * *

O pedantismo da nossa ignorancia — o qual, diga-se de passagem, não é maior do que, nos velhos, o pedantismo do saber cristalizado — leva-nos a ser intolerantes. Para defender uma ideia abstracta não hesitamos em ferir profundamente um homem bom — e esta atitude, que é aliás a de todos os fanaticos, e que revela nestes um senso moral defeituoso, denota em nós um senso moral incompleto. Fazemos troça com a maior facilidade deste mundo, sem nos importarmos com os estragos morais, representando um sofrimento maior que qualquer outro, que em certas pessoas causa a ridicalisação.

***

E contudo temos um medo pavoroso do ridiculo, medo que é até uma das causas da nossa fatigante uniformidade. Qual de nós se não lembra do que sofreu quando era menino e moço e requestavs a primeira garota por os nossos pais nos quererem obrigar a trazer um certo vestuario, a praticar um certo acto ou a proferir uma frase que nós achavamos grotesca? A diferenciação por uma magiquice ou uma extravagancia permanente (que é uma forma de coragem moral) se nem só existe nos que *são* «maduros» só existe nos que com o correr dos anos o *estão*.

* * *

Nós não nos atrevemos a fazer do ano todo um carnaval, como fazem certos velhotes grotescos mas heroicos. Mascaramo-nos só algumas vezes, como toda a gente, e juntamo-nos varios, em cegada, para jogar o entrudo—(porque um rapaz só não faz partidas, a não ser a outro rapaz tambem).

* * *

E' onde estão muitos outros mancebos que um mancebo pratica excentricidades. Se um entra num ambiente sério para as cometer ficam outros a tráz do reposteiro a insuflar vento, com os seus risinhos abafados, no balão de toda aquela *pose;* e mesmo assim ela por vezes com um sarcasmo se esvazia, e fica engelhadinha como uma pobre bexiga de porco alfinetada...

* * *

Por tudo isto todos nos assemelhamos uns aos outros dum modo insuportavel, o que implica com a nossa suposta independencia de espirito—que deveria implicar profusão de variações e de especializações individuais; doutro modo, se somos todos da mesma maneira independentes—que estranhas independencias são essas, que parecem depender todas umas doutras?

* * *

A nossa liberdade de espirito é atrevimento ignaro, é precipitação de seres com muito sangue, *é automatica justificação de desvarios.*

Essa cega confiança na razão que assiste ás nossas desrazoaveis crenças, essa convicção de que são justas as nossas convicções—felizmente que tudo se esboroa ao assalto daquela maré montante de cultura que acaba por coroer até os alicerces as certesas mais inacessiveis, e que nos diz haver poucas ideias desvairadas e más que não tenham tido ilustres defensores, e poucos procedimentos ilusque três não tenham encontrado detractores nem maus nem desvairados.

* * *

Nós sentimo-nos seguros dos nossos pensamentos emquanto lidamos pouco com os dos outros, emquanto percorremos poucos livros e estacionamos pouco em leituras—como nos sentimos senhores dos nossos passos e dos nossos momentos emquanto não começamos a ter relações e convivencia.

* * *

De resto, se porventura temos autentica independencia de espirito, a nossa timidez (aos 18 ou 20 anos) impede-nos muitas vezes de a manifestar. O temor de sermos considerados ingenuos e crianças conserva-a fechada a sete chaves e tira-lhe toda a influencia sobre a conduta e as acções. Numa sala esse mesmo temor faz com que um jovem se conserve prudente e silencioso em face do cinismo e da hipocrisia. Se as afirmações produzidas chocam rudemente o que nele ha já de bom, e se intervem, com o esforço que tem de empregar para vencer o seu acanhamento toma balanço de mais e essa mesma timidez que antes o impedira de dizer o pouco e o preciso é agora causa de que ele diga o muito e o demais.

* * *

Diz-se que somos mais *sensiveis*. Eu tambem sou dessa opinião: somos muito sensiveis ao que é bom, aos regalos, aos divertimentos, aos prazeres. Um corajoso chefe de familia acostumado ao trabalho aspero e forçado resiste melhor que nós ás seduções do bem material—e nesse sentido nós somos mais sensiveis do que esse bom homem insensivel á fadiga e ás maçadas. Nós sentimo-nos muito com as provocações das mulheres e sensibilizamo-nos imenso com um convite para trabalhar uma ceia e para dar a nossa opinião sobre um bom vinho. Gostamos imenso da algazarra e dos passeios, e procuramos a alegria—e temos a mais viva estima e o maior apreço pela jovialidade dum rapaz ou duma rapariga, e essa particularidade psicológica amoral tem para nós tanto valor como uma qualidade moral.

Mais valia que tivessemos sensibilidade para tanto mal e tanta sombra, para tanta miseria e tanta tristeza que por esse mundo vão. Infelizmente, mesmo quando a temos, o tal terror de parecermos pueris e romanticos seriamente a prejudica. Muitas vezes ele nos impede de praticar o bem—quando nos não leva a praticar o mal.

* * *

Somos sinceros? Com os outros somos, apesar de essa franqueza rude ser em grande parte falta de espirito critico e de senso das proporções. Sinceros porque nos dominamos pouco—essa sinceridade manifesta-se sobretudo em certas frases exclamativas, gritos queveem directamente do temperamento e das tendencias e chegam á superficie não porque ainda o espirito interesseiro os não abafa mas sim porque o bom senso ainda os não iluminou.

Nessa sinceridade ha muita crueza, muito abuso da força e ás vezes muito pouco... chá; e como é mentira nós devermos tomá-lo sobretudo em pequenos (é quando, em excesso, póde realmente ser nocivo...) essa tranparencia mental (que é formada mais de imperfeições de espirito e de coração do que de sinceridade propriamente) vai diminuindo com os anos.

Mais do que com os outros convinha que fossemos francos com nós proprios, e não hesitassemos em usar de termos duros para verberar tambem a inferioridode do nosso proceder, e não andassemos a jogar ás escondidas com a nossa consciencia, e não procurassemos a luz e o ruido estonteadores dos centros de prazer para não ficarmos com ela, face a face, no silencio e na escuridão.

* * *

A coragem dos rapazes é quasi exclusivamente de ordem fisica, e portanto inferior. E' quasi sempre o nosso orgulho que a move, raras vezes a empregamos em actos de justiça, raras vezes até usamos dela — porque quasi sempre abusamos... E mesmo como como coragem fisica (ha algumas variedades dela) a nossa é dos menos interessantes. E' uma coragem animal, é impetuosidade, é arranco instintivo — não é aquele esforço feito precisamente para constranger os impulsos do intinto, os impulsos do medo, e capaz de procurar o perigo para, provocando-os, ter mais ocasiões de os dominar; e esta é que é a maior das valentias.

* * *

As multidões de rapazes sofrem dum modo exageradissimo da pusilanimidade e do panico contagioso de que enfermam todas as multidões. Uma absoluta calma e um labio despresador bastam, a maior parte das vezes, para que um homem só lhes faça frente. A sua serenidade foi a pipa de azeite que aplacou o mar tempestuoso; e se conseguir manter bem fechada essa fachada, e se ela resistir á desagregação, ainda que ela esconda uma tormenta e afronte outra ela se conservará eficiente.

* * *

São rarissimos, entre nós, os grandes actos de coragem moral; e quando por excepção um se observa o seu mobil é quasi sempre uma paixão — que não é a paixão por uma ideia.

* * *

Esta fase da vida, aquela em que os homens mais ciosos se sentem da sua virilidade, é aquela em que eles mais parecidos são... com as mulheres.

* * *

A nossa *coquetterie*, a nossa maior observancia das modas confirmam duas observações que hoje aqui faço: semelhança com as mulheres e uniformidade, espirito de imitação, incapacidade em sermos *voluntariamente e isoladamente* originais.

* * *

A mocidade masculina tem sempre $\times + 1$ defeitos: esse 1 é o de ostentar os outros, é o do descaramento, é o do impudor.

* * *

Nós, rapazes, somos os zangãos da humanidade.

* * *

Visto nós não termos (exceptuando os predicados fisicos) nenhuma qualidade de que não disfrutem os homens mais velhos e carecermos de muitas outras que eles têm só duas causas operam para o prestigio que nos cerca, a simpatia que nos envolve, a indulgencia que nos segue: o instinto sexual das mulheres jovens e a saudade inconsolavel dos velhos impotentes.

* * *

Nota final — Claro está que, sendo os rapazes muito generosos e muito pouco francos com eles proprios, e sendo eu rapaz, e sendo todos nós da mesma raça (tudo isto são cousas que eu já disse...) eu nunca poderia ter a coragem moral de pôr a nu os pódres da minha alma, eu seria incapaz de desmentir tão flagrantemente a uniformidade que nos rege... Claro está; por isso se enganará redondamente quem supuzer que é uma confissão o que aí fica... Mesmo porque nunca bom sapateiro soube fazer bom calçado para si... E quanto ao «nós», sem ser figado nem noz, foi uma isca...

Fernando de Homem Christo

Em 15 minutos tingem-se em casa com asssombrosa facilidade todos os tecidos de lã, seda, algodão e mescla os quais adquirem côres belas e fixas.

Uma boa tinta é hoje uma necessidade para transformar os vestuarios que poderão depois usar-se e ser considerados como novos.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES — A Cidade — CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Divorcio provisorio

A lei do inquilinato, segundo parece, tem inumeras portas falsas, por onde o senhorio pode, habilmente, iludir o contracto de arrendamento.

Foi por isso que as juntas de freguesia do Porto representaram junto do Parlamento, a fim de promover a publicação duma lei que acautele os direitos dos inquilinos.

Transcrevo, a titulo de curiosidade, uma das emendas propostas á lei antiga:

«Os contractos de arrendamento de bens dotais prevalecem com todas as suas clausulas e condições, ainda mesmo depois de dissolvido o matrimonio, pela morte ou divorcio...»

Quere isto dizer que para pôr na rua um inquilino, pela anulação do contracto de arrendamento, alguns senhorios servem-se, ao abrigo da lei, deste truc, *original e comodo: o divorcio provisorio, uma vez que não podem morrer provisoriamente.*

Não e uma ilegalidade, mas e uma imoralidade. O divorcio explorado pela banda dos interesses matrimoniais, em beneficio desses proprios interesses, é, realmente, um truc *inedito em jurisprudencia.*

Pode muito bem suceder que os conjuges, começando por brincar ao divorcio, como as crianças ao jogo das escondidas, acabem por se convencer de que não tinham nascido um para o outro e então o caso muda de figura. O codigo civil fica assim enriquecido com um novo estado: o dos divorciados á face da lei do inquilinato ou o das vitimas do problema da habitação.—N. L.

MIRANDA & FILHOS
JOALHEIROS
50-CHIADO-LISBOA

Escrita á maquina
— Ensino perfeito, garantido —
Escola Moderna
Rocio
Arco Bandeira, 231

Provem os bifes
GRANDE ESPECIALIDADE
LEITARIA CHIC
Praça dos Restauradores, 20

CAMBIOS

DIA 1

	Comprador	Vendedor
*/Londres, cheque	2 7/16	2 13/32
» 90 dias	—	—
*/Paris	1$385	1$400
*/Berlim	—	—
*/Holanda	8$320	8$431
*/Madrid	3$236	3$271
*/Bruxelas	1$190	1$206
*/Roma	1$004	1$017
*/Suiça	3$831	3$880
*/Suecia	—	—
*/Noruega	—	—
*/Dinamarca	—	—
*/Nova-York	21$300	21$565
*/Brasil	—	—
Rio */Londres	5 5/16	—
Libra esterlina	100$000	105$000
Agio do ouro	2$200	2$300

UM ESCANDALO DIPLOMATICO

VEIGA SIMÕES

VAI SER DEMITIDO DO CARGO DE MINISTRO DE PORTUGAL EM BERLIM?

Quando lhe contaram o caso, «baixinho que ninguem ouça», quasi em confidencia, o jornalista pasmou e resolveu não acreditar. Mas insistiram com ele, intimaram-no a informar-se — e tratava-se, infelizmente duma verdade irrefutavel. E essa verdade nua e crua gira em torno deste tema:

—O nosso ministro em Berlim, tem praticado irregularidades que o impedem á face da boa moral, de continuar a exercer tão alto cargo.

Não é o jornalista quem o afirma. E' o sr. dr. José Domingos dos Santos, politico ponderado, pessoa incapaz de produzir acusações levianas.

O jornalista procurou-o hoje, porque lhe haviam dito que o combativo parlamentar democratico ia ocupar-se do assunto na Camara dos Deputados. Quando lhe preguntou se realmente assim era, o dr. José Domingos dos Santos contestou:

—Por agora não. Antes de mais nada vou tratar do caso, com o enorme interesse que ele merece, junto do sr. ministro dos Estrangeiros. E só na hipotese impossivel de se não providenciar imediatamente, mandando retirar de Berlim o dr. Veiga Simões, recorrerei ao Parlamento.

—São então muito graves as irregularidades de que é acusado o antigo ministro dos Estrangeiros?

—Gravissimas. Em primeiro logar: Veiga Simões, em vez de proteger a colonia portuguesa — e tem obrigação de fazê-lo — persegue-a constantemente. Não lhe concede o minimo auxilio moral. E, como se o abandono a que a vota ainda fosse coisa de pouca monta, agrava-a sempre que póde.

—E a colonia não se queixa?

—O ministro dos Estrangeiros deve receber brevemente uma representação de protesto com numerosas assinaturas.

—Limitam-se a essa indiferença pelos seus compatriotas, as acusações que pesam sobre o sr. Veiga Simões?

—Ha factos muito mais graves, Factos pasmosos. O caso que se passou com o dr. Francisco Rendeiro—por exemplo. Conhece-o?

—Um pouco.

—Sabe então que se trata duma pessoa incapaz de praticar acções inconfessaveis. Pois Veiga Simões, sem motivo apreciavel, determinou que ele fosse preso, e mandou-o para um calabouço, onde permaneceu de mistura com facinoras, durante vinte e quatro horas.

—E não justificou as razões do seu procedimento?

—Se as não tinha!... Mas a sua prepotencia plenipotenciaria foi ainda mais longe. O dr. Francisco Rendeiro, por interferencia de autoridades alemãs — a diplomacia ás avessas — conseguiu a liberdade ao fim dum dia de captiveiro. O nosso ministro impoz imediatamente a sua expulsão do territorio da Alemanha. Colocou mesmo a questão neste pé: ou ele é expulso ou eu abandono o cargo. E Francisco Rendeiro teve de regressar a Portugal.

—E já apresentou qualquer reclamação?

—Na posse do dr. Domingos Pereira está já uma exposição minuciosa de tudo o que com ele se passou e até de outras irregularidades muitissimo mais graves.

—De que genero?

—Irregularidades que devem ter como desfecho a imediata demissão do sr. Veiga Simões. O actual ministro português em Berlim, vive de maneira absolutamente incompativel com as exigencias morais da importante posição que ocupa. Frequenta «cabarets» suspeitos, na companhia de criaturas que não podem senão aviltá-lo. E não é raro vê-lo envolvido em conflitos e discussões que não primam pela elevação. Em suma: um verdadeiro desastre!

O dr. José Domingos dos Santos, que referiu tudo isto ao jornalista com sincera magoa, nada mais acrescentou a não ser este conceito acertado:

—A Republica tem de cuidar a serio da sua representação diplomatica.

NO TEATRO POLITEAMA

"FILHA DE LAZARO" E A CRITICA

O que disseram os nossos colegas «Diario de Noticias», «O Seculo» e «A Patria»

O drama rustico «Filha de Lazaro», original do nosso camarada Norberto Lopes e de Chianca de Garcia, ontem representado no teatro Politeama, foi acolhido pelo publico com sincero entusiasmo.

O «Diario de Lisboa» publicará ámanhã a critica do interessante trabalho dos moços dramaturgos, escrita por pessoa alheia a esta redacção.

Apraz-nos transcrever hoje, pequenos periodos das criticas publicadas nos jornais matutinos.

Do «Diario de Noticias», artigo de Cristovam Aires:

A «Filha de Lazaro» é uma afirmação concreta de talento, de engenho e dessa natural intuição indispensavel aos que se abalançam a cultivar o genero literario de mais dificil êxito, não pelas suas responsabilidades proprias, mas pela divergencia e falibilidade dos elementos estranhos cuja colaboração consigo acarreta inevitavelmente. Norberto Lopes e Chianca Garcia enfileiram de ora avante na galeria dos nossos moços autores, com quem ha a contar».

Acacio de Paiva, escreve no «Seculo»:

«Dois dramaturgos muito novos — uns escassos 22 nos — acabam de triunfar com a sua primeira peça, traçada com arrojo digno de nota e apresentada com o recato, do verdadeiro merito, sem a vaidade daqueles que não compreendem a benevolencia da critica e julgam que podem fazer carreira declarando-se vitimas».

Jorge d'Outiz, diz na «Patria» do valor da peça:

«A estreia dos dois moços escritores é uma afirmação, quer como tecnica, quer como motivo foiclorico, quer como dialogo, quer como efabulação.

Os três actos, sem desvarios de sentido, e sem farfalhices retoricas, são tecidos num dialogo sem pretenciosos arremedos da linguagem rustica, e por vezes dum lirismo são, forte e bem português».

Pelos teatros

José Ricardo

No Apolo, realisa hoje a sua festa o actor que mais se notabilisou em Portugal quando o genero opereta constituia o prato teatral favorito do publico. Senhor de magnificos recursos, José Ricardo, com uma carreira larga

José Ricardo

em anos no teatro, logrou manter o mesmo publico, fazendo declamação, nomeadamente quando realisou a figura principal da peça que logo á noite vae «reprisar-se, «O Centenario», dos Irmãos Quintero, peça que constituiu o maior sucesso da epoca 1921-1922 do teatro Nacional. A casa do Apolo está inteiramente vendida, o que quer dizer que o festejado deve ter hoje a aplaudi-lo todos os seus amigos e admiradores.

Uma noite de festa

Vae ser uma noite de festa, de alegria e de contentamento, a da proxima segunda-feira, no Avenida, pois que se realisa a recita de autora da peça «Madalena arrependida», Aura Abranches, a actriz eminente, que tendo firmado o seu nome de ha muito, é agora, neste momento de reparações e de selecção de competencias, a artista mais querida, a mais acarinhada e a mais justamente posta em destaque pelo publico. Sabemos que alguns criticos e escritores se preparam para, na proxima segunda-feira, apadrinharem a obra sublime de Aura Abranches, encorajando-a, com a sua presença, a proseguir no campo das letras teatraes.

Atrás do reposteiro

Do dramaturgo Alfredo Cortez recebemos a seguinte carta:

Sr. director.—Sabendo eu que o ensaio geral da peça «Filha de Lazaro» ia fazer-se por fórma muito intima, o que é direito incontestavel das emprezas, sejam quaes forem as divergencias de opinião sobre o que mais interessaria fazer-se, não estava habilitado a convidar para ele a Imprensa, nem a convidei, pelo que ha erro de informação na noticia que o «Diario de Lisboa» ontem publicou.—De v., etc., *Alfredo Cortez.*

De facto o sr. dr. Alfredo Cortez não nos convidou *oficialmente* a assistir ao ensaio da «Filha de Lazaro».

Os jornalistas do «Diario de Lisboa» e doutros jornais foram levados ao Politeama por um natural desejo de acompanhar Norberto Lopes, por solidariedade e por carinho de amigos, dispostos naturalmente a preparar á peça do nosso presado colega o ambiente de justiça, que de facto merecia e que, hoje, a critica acentuou.

— Conferenciou hoje com o sr. ministro da Instrução, o nosso colega Nobre Martins, que ontem deixou o cargo de secretario da administração do Teatro Nacional.

— Reaparece hoje, no Eden-Teatro a opereta de mais belas tradições, especialmente no Norte, «O Brasileiro Pancracio, peça que deu a nomeada a varios artistas e que ainda hoje é de molde a despertar as atenções do publico.

— Regressou ontem do Porto o empresario José Loureiro que ali foi tratar de varios assuntos teatrais.

— Consta que o antigo empresario Luís Galhardo pretende de novo empregar a sua actividade e os seus capitais nalgumas explorações directas de teatro.

— Seguiu ontem, á noite, para Faro, a companhia Rafael Marques-Luís Pinto, que vai fazer uma larga «tournée» pela provincia. O repertorio é constituido pelas peças: «Mister Wu», «Os Velhos», «Amor de Perdição», «O Barbeiro de Sevilha», «Don Cezar de Bazan» e «Visinha do lado». Além daqueles dois artistas, fazem parte do elenco os seguintes: Palmira Tôrres, Laura Hirsch, Maria do Pilar, Marina Simões, Rosa Seixas, Bernardina Malheiro, João Lopes, Vital dos Santos, João Calazans, Pita Simões, Antonio Nascimento, Carlos Shore, Costa e Silva, Emauz Gonçalves e Antonio Malheiro (ponto).

POLITEAMA HOJE
Segunda representação
Filha de Lazaro

ARTIGOS E INFORMAÇÕES — **A Cidade** — CRONICAS E ENTREVISTAS

NO TRIBUNAL DE SANTA CLARA

Nove dos tripulantes da "camionette" fantasma são condenados á pena maxima

O juri que recolheu á sala das deliberações ás 17 e 30 de ontem só hoje ás 12 horas pronunciou o seu "veridictum"

Depois de três meses de audiencias, com incidentes, pormenores, teatro de reus e teatro de juizes, com mulheres a chorar e a pedir vingança com as lagrimas, factos politicos, revelações estranhas, uma revolução a ser julgada e o povo a depôr, barra ir á a, como na Convenção Francesa — acabou o julgamento dos tripulantes da camionette *fantasma.*

Foi sensacional. Falou a justiça. Falaram os advogados. Falaram os reus e falaram os juizes. A impressão que se sentia nas primeiras audiencias, tinha o seu quê de misterio.

Entre os jurados e os marinheiros e soldados que se julgavam—havia um montão de cadaveres: Machado Santos, Antonio Granjo, Carlos da Maia, Botelho de Vasconcelos e o «chauffeur» Gentil.

Não ha nada que tenha tanta grandeza, tanto terror, tanta fatalidade, que a propria vida. Dispensa teatro e falha de beleza, quando o tem. Puzessem aqueles homens do tribunal, os que se sentam nas cadeiras altas e os que quasi se ajoelham, sentados tambem, no banco dos reus — réus de sangue, de crime, e de violencia.

Terminou hoje o julgamento, que se encontrava ha dias quasi esquecido. Uma noite inteira para resolver. Noite cheia de relampagos, de esperanças para uns, de certeza e de fatalidade para outros.

De 22 homens que se sentaram nos bancos dos reus, treze foram postos em liberdade nove condenados á pena maxima.

Falou a Justiça; fala agora a testemunha, o jornalista que vai dizer o que viu, ouviu e sentiu.

Uma noite perdida

A's 17,30 de ontem eram propostos os quesitos ao juri. Graves, os cinco jurados, passam os resposteiros vermelhos e recolhem á sala das deliberações. As horas passam; vem a noite, o tribunal como de dia está cheio de gente que não discute, que quasi não fala, que quasi não mexe, olhos fixos nos resposteiros sangrentos, esperando que alguem os agite. Mas a espera massa, esgota, as nove horas da noite já soaram nos carrilhões de S. Vicente. Ha jornalistas. Ha advogados. Publico de soldados, o mais escolhido. A electricidade cai dos globos despolidos, verticalmente, sem maciesas, cinicamente iluminando rostos cançados, alguns de mulheres, que não têm esperanças, para lá da teia.

Mas os advogados, a entreter tempo, vão contando anecdotas. Anecdotas de tribunais, da vida de fôro. Pelos corredores o boato mais negro vai despertando a impassibilidade do meirinho, dos empregados do tribunal, dos amigos dos reus.

Sabe-se que o presidente do tribunal, pediu forças dobradas. Ha comunicações com a policia, o quartel do Carmo, os gabinetes dos ministros da guerra e da marinha, que não sairam dos seus ministerios.

Os reus, nos calabouços subterraneos, sem comer desde pela manhã — passaram vinte e quatro horas de fome — juntam o ultimo dinheiro e mandam vir vinho. Vinho para os elouquecer, animar, desvairar. E cantam, e dançam, e vaiam, virando idiais, com lagrimas nos olhos. A certa altura um deles, por um nada, como sempre, inquire, questiona com o companheiro. E a luta estabelece-se a dente, como nos fojos dos lobos. Dura uns instantes apenas. A força entra nos calabouços, baionetas em riste — e tudo acalma.

O vinho socega-lhes os nervos, depois de os exaltar.

Abraçam-se e choram. Como eles sofrem agora! Há uns que fitam os olhos, como crianças, nas paredes, vagamente, numa grande confiança. *Se nos absolvessem! Quem sabe, a piedade...* Mas outros, mais fortes, fortes de crimes talvez, com orgulho, enclavinham fortemente as mãos, com odio.

Cá fora, no jardim, na rua, junto aos passeios do tribunal, como num acampamento, soldados atalaiam; as sentinelas estão estabelecidas; oficiais aos grupos conversam.

E lá em cima, no primeiro andar, á esquerda do edificio, ás janelas altas e esbrazeadas de luz, por detrás das quais passam vultos e vultos ficam gesticulando. Toda a pedra do antigo palacio tem uma alma, agita-se, vive o mesmo pensamento.

Mas as três horas da noite cansam as conversas, na sala das audiencias.

Ha advogados que dormem, fazendo travesseiro das pastas. Os soldados, rostos marbreados pelo cansaço, a custo guardam a posição de sentido, carabina quasi a resvalar-lhe dos dedos.

4 horas da madrugada

Na sala das deliberações, alimentados e excitados a café, os cinco jurados sôbre o papel dos quesitos, vão argumentando, ponderando, julgando.

Ha respostas dificeis. O gabinete está cheio de fumo, e no unico sofá que ha na sala, ora se deita o sr. Freitas Ribeiro ora o comandante Martins,

Ninguem pode entrar. E' da lei. Mas os estomagos famintos, noite perdida, emoção, tudo reclama fôrças retemperadas. Humanitariamente infringe-se a lei. Um dos raros advogados que não dorme, por amisade, organisa uma refeição frugal. E é mesmo sôbre os quesitos que os cinco jurados comem.

Mas onde está o general Camacho? E o sr. dr. Ribeiro Castanho? E o promotor, general Carmona, cara de Bismarck, inflexivel como a propria justiça? Noutro gabinete, muito recostados, dois militares, como num quartel esperam, sem uma impaciencia, sem olharem o relogio... E são cinco horas da madrugada. Ha quem queira que o general Carmona, coma. Mandam-lhe para dentro ovos e cerveja. Desconfiia e não aceita a refeição. E um pormenor, talvez sem importancia. Mas aqui têm outro: horas depois, o juiz auditor repartia fraternalmente com o general Carmona a sua ceia vinda de casa...

As cinco horas, o juri!

Uma sentinela desperta o meirinho.

Este, meio sopitado no sono, levanta-se, corre e abre a porta da sala dos jurados.

O primeiro a aparecer é o comandante sr. Freitas Ribeiro, presidente do juri, que já trás a resposta aos 138 quesitos.

Atravessa a sala. Meio minuto de suspensão. Mas não é nada ainda. O sr. Ribeiro Castanho com a resposta aos quesitos volta á sua sala, manda saír os jornalistas e alguns advogados e fecha-se á chave. Três homens lá dentro: ele, o general Carmona e o general Camacho, juizes.

São cinco horas da manhã. A conferencia demora, como tudo neste julgamento. O jornalista que sabe tudo, sabe que esses três homens têm algumas duvidas nas respostas que o juri deu sobre os quesitos referentes a seis reus.

E o tempo passa. Dealba a manhã sobre o rio. Alongam-se claridades de luz breve e fraca, nas janelas do tribunal.

Seis horas! Nada! Sete horas! Nada ainda! A's oito, porém, o sr. dr. Ribeiro Castanho devolve ao juiz os quesitos, para que este esclareça as respostas contraditorias que aqueles encerram.

Outra vez o juri

A teia do tribunal está deserta. Desolação e sombra muito negra no logar reservada ao publico. Ha vultos escorridos de mulheres que se adivinham como um volume de sombra, na sombra. Os ouros das fardas agaloadas da guarda republicana já perderam o brilho. Mas agora, nitidamente, como uma punhalada no silencio, ouve-se um grito. Despertam os dorminhocos, jornalistas e advogados lançam-se pelas escadarias do tribunal.

O que foi? O que não foi? Consta que elementos revolucionarios pertendem infiltrar-se no edificio, senão toma-lo.

Esbracejando no meio da força, o conhecido revolucionario Armando de Azavedo, pretende a todo o transe, entrar no tribunal, contra as ordens que o presidente tinha dado ás sentinelas.

A força de cavalaria corre sobre Armando de Azevedo e este consegue escapar-se, para voltar novamente.

Trava-se outra discussão. Ha insultos a um oficial. Armando de Azevedo é escorraçado á força do tribunal, esbofeteado, e vai preso sob escolta para a esquadra do Caminho de Ferro. Ao passar, porém, junto do Centro Boto Machado, da rua do Paraizo, consegue fugir.

Este incidente faz avolumar os boatos tetricos que corriam dentro do tribunal. São duplicadas as sentinelas no corredores e são mandados sair todos os civis.

9 horas

A's 9 e 30, já dia, com muito sol, e sem caras lavadas, mas ensonadas, no tribunal, aparece o juri com as respostas decisivas.

Vai ser lavrada a sentença.

Cresce agora a ansiedade. Sabe-se cá fora, um pouco do que se passou, na sala onde estavam os juizes. Chega gente. Mocidade de direito; fotografos e curiosos. A sala está cheia já. Relaxam-se as ordens e cada qual circula por onde quere.

10 horas! 11 horas! 11,10!

O jornalista desce aos calabouços. Quere vêr os reus, sentir o que eles sentem, passado o desvario e a embriaguês.

A um canto amontoados, olhos ardentes, em que as pupilas são muito grandes; fumando, sem uma palavra, mãos muito grossas surradas na sarja das fardetas — os reus! São 22. Falta um. Quem é? Onde está?

E' Abel Olimpio, o *Dente de Ouro*, que dorme, depois duma noite pavorosa, fugindo aos outros, embrenhado no corredor estreito, para onde dão as celas, esperando, esperando — a um canto, todo curvado, cabeça escondida nos joelhos, mãos pendentes, grossas como raizes.

—Ha vinte e quatro horas que não comemos! gritam eles.

Lá, fóra, no largo, dois camions, esperam. Num deles passaram a noite as familias dos reus. Algumas mulheres rezaram — dizem as sentinelas — de joelhos na lage, de noite, como querendo segurar com a chama da fé as decisões dos jurados.

A sentença

A's 12,30, mascaras cansadas, aparecem os jurados, o presidente do tribunal, o promotor e o auditor.

A praxe verbal:

—Aberta a audiencia.

Calçam-se as luvas. O general sr. Camacho prescruta demoradamente a assistencia. Entra agora o comandante da força da guarda republicana, que coloca a escolta num forte quadrado, na sala.

Fecham-se as janelas e as portas, para que haja logar para a tropa. Aspecto funebre.

A um e um entram os réus. Caras espantadas, como se caíssem das trevas para a luz. Alinham-se como de costume nos três bancos, de pé, até o juiz os mandar sentar.

A' frente, como compete á sua categoria, o guarda-marinha Benjamim Pereira, muito limpo, na sua farda, como se estivesse a bordo, cara fresca, lavada no mar.

Desembainham-se as espadas. Um advogado pede a um estudante de Direito a sua capa, a fazer de toga.

Outra vez de pé os réus, para leitura da sentença. Lê-a o secretario do Tribunal Militar, tenente

São dez folhas de papel azul, onde está tudo que pode salvar ou condenar aqueles homens, os reus, que as olham com superstição, idolatria.

A leitura das conclusões fria, medida, lenta, não deixa adivinhar a sentença.

Agora os nomes dos reus; depois as penalidades. Atentos todos. Firmes os presos, como numa parada.

Benjamim Pereira, condenado na pena de um ano de prisão correccional que lhe foi dada por expiada, levando-se em conta o tempo de prisão já sofrida. (Em liberdade.) Pouca emoção, como se o esperasse. Vai recorrer da sentença.

Rogerio Augusto da Silva, «chauffeur»; **Timoteo Rodrigues** e **Porfirio Messias,** todos condenados na pena de dezaseis meses de prisão correccional, levando se-lhes em conta o tempo de prisão já sofrida. (Em liberdade.) Alegria recolhida, para não ferir os outros.

Manuel Aprigio, Baltazar de Freitas, Manuel da Costa Coutinho, Cipriano dos Santos, Manuel Combro, Antonio José da Fonseca, João Domingos dos Santos, Eduardo de Almeida e **José dos Anjos Baptista,** — absolvidos. Alegria; lagrimas.

Nove condenações

Abel Olimpio, (O dente d'ouro), condenado em dez anos de prisão maior celular, seguidos de vinte de degredo, ou na alternativa por pena fixa de trinta anos de degredo em possessão de 1.ª classe.

José Carlos, segundo sargendo, a dez anos de prisão maior celular, seguidos de vinte de degredo.

Mario de Sousa, oito anos de prisão maior celular, seguidos de doze de degredo ou na alternativa da pena fixa de vinte cinco anos de degredo em possessão de 1.ª classe com prisão no logar do degredo,

Acacio Cardoso, condenado na mesma pena do reu anterior.

Matias de Carvalho, segundo sargento; **Palmela Arrebenta** e **José Maria Felix,** oito anos de prisão maior celular seguidos de vinte anos de degredo.

Acacio Ferreira, oito anos de prisão maior celular, seguidos de vinte de degredo.

Heitor Gilman, 1.º sargento; dez anos de prisão maior celular seguidos de vinte anos de degredo.

Manifestações violentas

Passados os primeiros momentos de espanto, aqueles nove homens condenados, protestam, e gritam, e insultam.

E o Felix, rasgando o alcache, num riso de odio e apontando para o busto de Republica:

—Deram-lhe a machadada! Esperem pelo resto!

Abel Olimpio diz:

(Vêr continuação na 8.ª pagina).

Meias de Seda

sem defeito a

9$50

só poderão encontrar no verdadeiro deposito de

ANTONIO CESAR PEDROSA

Rua Diario de Noticias, 20

Governo geral de Angola

Exposição Provincial Agricola Pecuaria e Industrial

FAZ-SE publico que foi transferida para 15 de Julho do corrente anó a exposição que se deve realizar em Loanda, a que poderão concorrer elementos oficiais e particulares de Angola.

Anexa á exposição haverá uma

Secção—Mostruario de maquinaria agricola pecuaria e industrial

a que poderão ser admitidos produtos expedidos de Portugal ou do estrangeiro. Estes produtos serão recebidos em Loanda até ao dia 30 de Junho do corrente ano.

Todos os esclarecimentos respeitantes a este serviço serão prestados pela Agencia Geral de Angola, Rua da Magdalena, 237, 1.º, a quem os solicitar.

Lisboa, 30 de Maio de 1923.

O Agente Geral de Angola

(a) Tomaz Fernandes

BANCO DE PORTUGAL

Assembléa Geral Extraordinaria

Não tendo podido realizar-se a Assembleia Geral extraordinaria, que fôra anunciada para hoje 30 do corrente mez, por falta de representação de capital, é novamente convocada a mesma Assembleia, na conformidade do artigo 90.º, paragrafo unico dos Estatutos, para o dia 5 do proximo mez de Junho, pelas 14 horas, (2 horas da tarde), no edificio do Banco e para o fim da anterior convocação, vista a urgencia e a declaração do Governo, em Decreto n.º 8.858 publicado no «Diario do Governo» em 23 do corrente mez, funcionando com qualquer numero de accionistas presentes em harmonia com o artigo 87.º dos Estatutos.

Secretaria da Assembleia Geral do Banco de Portugal, 30 de Maio de 1923.

O Secretario

Fernado Ennes Ulrich

Telefone C. 1031 — End. Tel. «SOURA»

SOUZA, MOURA & C.ª, L.da

CASA BANCARIA

103, RUA AUREA, 105

LISBOA

COMPRA E VENDA DE MOEDAS, NOTAS ESTRANGEIRAS, PAPEIS DE CREDITO, ORDENS DE BOLSA, CHEQUES SOBRE AS PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAIS E ESTRANGEIRO. DEPOSITOS A ORDEM E A PRAZO. TODAS AS TRANSACÇÕES BANCARIAS

O SOLICITADOR ENCARTADO

FRUCTUOSO PIRES

MUDOU O SEU ESCRITORIO PARA

R. ARCO BANDEIRA, 70, 1.º

TELEFONE 4233 C.

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA — RUA DO OURO, 18, 24

PORTO — PAÇA DA LIBERDADE, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras — Fundos publicos nacionais e estrangeiros

AO HERPETOL

Devo o aveludado da minha pele

Este maravilhoso medicamento para **uso externo** provoca um imediato bem estar. Após poucos dias de tratamento o padecente vê em via de cura todos os casos de **eczema humido e seco, crostas duras, espinhas e erupções.**

A comichão desapareceu como por encanto. Em alguns casos uma só aplicação é o bastante para uma cura.

E' o medicamento por excelencia para todas as molestias de pele, entre elas **eczemas, crostas, chagas, acnó, erupções, espinhas, manchas, sarna, ardencia na pele e as causadas por mordeduras de insectos.** Não hesite e compre sem demora um frasco, que se vende nas principais farmacias e nos depositos: em Lisboa, rua da Prata, 237. No Porto, rua Passos Manuel, 65.

A ACTIVA

RAMO INDUSTRIAL

Secção de Construções Civis

Construções de edificios para qualquer fim, ampliações, reedificações e reparações.

Estruturas, vigamentos e construções metalicas.

Trabalhos em cimento armado e hidraulico.

Construções industriais, como: Fabricas, Hangars e Barracões.

Frentes e interiores artisticos para estabelecimentos.

Vivendas, chalets e predios de rendimento.

Casas á antiga portuguesa.

Trabalhos de carpinteiro, marceneiro, serralheiro, canteiro, estucador, pintor, etc.

Levantamentos topograficos, projectos e orçamentos.

Maquinismos movidos a electricidade

R. 24 de Julho, 8—LISBOA

Telefones: C. 1601 e C. 3474

Telegramas: Activa

DR. ANTONIO BOSSA

ESTOMAGO, FIGADO E INTESTINOS

Das 14 ás 16. — Avenida da Liberdade, 9, rlc.

'G. ADAM'

Pianos alemães de solida construção a preços reduzidos

ALUGUERIS, REPARAÇÕES E AFINAÇÕES

LARSEN, LIMITADA

130, Avenida da Liberdade, 130 Tel. N. 3548

TINTA ALEMA PARA TINGIR

Marca RAPOSA

G. H.

A venda nas boas drogarias de todo o paiz.

DEPOSITARIOS GERAES EM LISBOA:

Schröeter & C.ª

R. S. Julião, 5, 1.º Tel. C. 552

Aos Livreiros e aos amadores de livros

Vendem-se 10.000 volumes de obras diversas, algumas de **1600**, tendo volumes com **gravuras**, sermões, cronicas, etc., a **3$00** cada quilo a escolher.

RUA DO ARCO A ALCANTARA, 46—Das 7 ás 19 horas, todos os dias.

MARCA REGISTADA

JEM

ALCOBAÇA

Vinho puro de mesa tinto e branco

Provar este vinho é preferi-lo aos outros

CONCESSIONARIOS:

SOCIEDADE PORTUGUESA DE COMERCIO, L.da

RUA VITOR CORDON, 11

Telefone 1692-C.

AVESTA

TRADE MARK REGISTERED — AVESTA

A GRANDE MARCA ALLEMA

A lamina mais cortante e a que maior numero de barbas dá.

A' venda nas boas casas da especialidade.

Representantes exclusivos:

Schroeter & C.ª

RUA DE S. JULIAO, 5, S/LOJA

Tel. C. 552—LISBOA

GEREZ

Hotel do Roque

Recomendado pela Propaganda de Portugal

Abriu no dia 25 de Maio

Um dos melhores hoteis das termas do país

Apcsentos luxuosamente mobilados e com agua corrente. Luz electrica em todos os quartos, salas e dependencias. Modelar serviço de cosinha com e sem dieta. Explendido parque para passeio e recreio.

Correspondencia á proprietaria. Viuva de Vicente Paulino da Silveira, Gerez.

Informações em Lisboa na rua Luciano Cordeiro, 98 r/c.

Caldas da Felgueira

(Beira Alta)

As melhores aguas na cura da bronquite, cansaços do coração, pele, flebites, arteritismo e gôta.

Abertura 1.º de Junho e informações ao gerente do

Grande Hotel Club

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

FINANÇAS

AS DIVIDAS INGLESAS VAO SER REEMBOLSADAS PELOS ESTADOS UNIDOS

NEW-YORK, 1

O Departamento do Tesouro Americano declarou que muito em breve se firmará o acordo entre os Estados Unidos e a Grã-Bretanha para o reembolso da divida inglesa. O governo americano não encontrou no texto britanico nada que se oponha a seus proprios interesses.

Unicamente a relação ao que se passou antigamente parecia não reflectir exactamente os desejos dos Estados Unidos, pois, pronto se viu, que a diferença radicava unicamente nas palavras. — (R.)

O cobre

e as cotações no mercado

LONDRES, 1

Comentando o aumento das cotações do cobre o «Times» diz que o mercado foi principalmente impressionado pelo novo aumento em New-York, onde o preço do electro-litico tem baixado na ultima semana de 15,62 c. por 1, b. para 15,20

Este efeito é evidentemente duro numa diminuição do pedido europeu antes que um quebrantamento dos negocios locais posto que o estado bastante irregular dos mercados americanos podia influenciar a situação. — (R.)

A Bertini no Condes

No empolgante «film» «Acima da lei»

Está sendo anciosamente esperada a estreia de hoje no Condes. Trata-se da reaparição de Francesca Bertini no drama em 5 partes *Acima da lei*, um dos seus ultimos trabalhos mais notaveis. O programa de hoje é magnifico. A 2.ª e ultima jornada do *Othelo* a chitosa farça *Pivoto na escota*, pelo famoso cão Piloto, a admiravel *Corrida real em Madrid* e outros *films* sensacionais constituem esse programa a todos os respeitos digno dos melhores programas do Condes. A proxima estreia, na terça-feira, é o drama *Gean d'Agreve*, e a seguir o cine-romance os *Párias do Amôr*.

TEATRO S. CARLOS
DOMINGO, 3 de junho
Reaparição da Companhia LUCILIA SIMOES
Direcção artistica de Antonio Pinheiro
A peça de ruidoso sucesso
Uma Mulher sem Importancia
Brevemente — A RAJADA, de Bernstein
Bilhetes á venda durante o dia sem locação — Fauteuils, 6$00; frizas e camarotes, 25$00 e 15$00

EDEN-TEATRO
HOJE — A's 21 e 1|4 horas
Festa dedicada ao empresario
EMILIO SEGURADO
1.ª representação, nesta epoca, da celebre opereta em 3 actos, original de Sá de Albergaria
O BRASILEIRO PANCRACIO
«O celebre cabo de ordens», por Carlos Leal — «O competente regedor», por Santos Carvalho

J. Feliciano A. d'Azevedo & C.ª L.da
DROGARIA FARMACEUTICA
Novas instalações na R. 1.º de Dezembro, 41 a 45

A ACTUALIDADE INTERNACIONAL

A Espanha

e o problema das comunicações aereas

UM ARTIGO DO «EL SOL»

ACERCA DOS NOSSOS AVIADORES

Luiz Ferry, presidente da Comissão de Aeronautica do Real Aero Club Espanhol, que, nessa qualidade, assistiu, no aerodromo de Quatro Vientos, á chegada e á partida do «Latécoére» que transportou Gago Coutinho e Sacadura Cabral a Paris, escreveu em «El Sol», a proposito dessa viagem aerea, o seguinte artigo que julgamos digno de arquivar-se nas colunas do «Diario de Lisboa»:

Quando, ontem o almirante Gago Coutinho conversava, em Quatro Vientos, com quantos tiveram o prazer de assistir á chegada e á partida dos intrepidos vencedores do Oceano, dizia-nos o aviador com certa admiração:

—Quem no-lo havia de dizer ha poucos anos ainda! Sair de Lisboa ao romper do dia, desjejuar em Madrid, almoçar em Bordeus, merendar em Paris...

—E talvez ceiar em Londres...?

O almirante e o comandante são dois amigos fraternais. A famosissima travessia aerea, de todos conhecida, durante a qual, com o sereno valor dos homens maduros, tiveram as suas vidas em constante risco, soldou de maneira indissoluvel entre dois admiraveis temperamentos.

Sacadura Cabral é piloto; foi dos primeiros que, em Portugal, se consagraram á navegação aerea. E' homem energico, decidido, cheio de fé; qualidades essas que sobejamente demonstrou já.

Gago Coutinho é o observador. Não maneja o avião em tudo quanto se refira aos comandos mecanicos do aparelho; mas, pela sua observação constante, pelas suas medições de frequencia admiravel, pelas rectificações de rumo deduzidas do seu engenhoso «corrector de derrotas», consegue, após um percurso de 2.000 quilometros sobre o mar imenso, levar a nave aerea a esse minusculo ilheu de Fernando Noronha que, por iniciativa do comandante Herrera, o Brasil oferenceu a Portugal como primeira homenagem de admiração aos dois herois.

Das ilhas de Cabo Verde a Fernando Noronha! O mais ligeiro erro teria levado Gago Coutinho e Sacadura Cabral a uma catastrofe. Esgotada a sua provisão de combustivel, o hidro-avião teria fluctuado por algumas horas fora da linha dos transatlanticos; isto é: longe de todo o auxilio possivel.

Admiraveis crentes da navegação aerea, ambos eles o sabiam muito bem; e é este, sob o ponto de vista do despreso pela vida, o merito da sua façanha.

No que respeita ao aspecto scientifico, na arte de navegar, a demonstração feita pelo simpatico almirante é definitiva. E é interessante ouvi-lo quando descreve o seu «corrector», que ele proprio teve, quasi, de construir por não ter a geito um especialista na confecção de instrumentos de precisão...

Não antecipemos, porém, detalhes do que na sua proxima conferencia vamos ouvir e que nos dará a conhecer intimidades dessa travessia historica do Atlantico.

Lisboa-Madrid-Paris, num dia, é um itinerario aereo que tem para os espanhois um interesse particular. A França e Portugal fizeram, com esta viagem, uma demonstração que deve estimular a Espanha e que não pode cair no olvido logo quere extinga esse metodo que se chama a actualidade.

Simples aficionados pelas «coisas do ar», não temos a pretensão de querer envolver esse triptico Lisboa-Madrid-Paris num veu de fantasias, de receios, de promessas, atraz de um ponto de interrogação. O nosso proposito consiste apenas em despertar os dorminhocos empedernidos e dizer a quem em Espanha, tem obrigação de não os imitar.

A nossa posição geografica dá-nos vantagens a que se ligam obrigações inexcusaveis em materia de comunicações de todo o genero, mas principalmente em materia de comunicações aereas. Só ha dias ainda, é que foi levado a cabo, com exito digno de todo o aplauso, pelos nossos amigos de França, o ensaio Marselha-Argel, de sol a sol. Ontem fez-se Lisboa-Madrid-Paris em igual periodo de tempo...

E' tempo, já, de começarmos em Espanha, a convencer-nos de que nos cumpre colaborar lealmente e sem detença, na obra de progresso que as comunicações internacionais aereas representam?

A nossa legislação aerea é complexa e desproporcionada; os nossos organismos não estão engrenados devidamente. Vamos conservar-nos assim por muito tempo?

RIGOR DA MODA

Reabriu já esta acreditada alfaiataria a cargo de dois habeis tecnicos muito conhecidos das melhores casas de Lisboa, encontrando-se em exposição um grande sortido de fazendas nacionais e estrangeiras, o que ha de mais fino, encontrando-se tambem grande variedade de fatos feitos com esmerado acabamento e elegancia, enviando-se amostras para a provincia e colonias para fatos sem prova.

18, Rua de S. Nicolau, 22
TELEFONE 5342 C

ANALISES — INSTRUMENTOS CIRURGICOS
MOBILIARIO CIRURGICO E SANITARIO
Autoclaves, macas rodadas, cadeiras de repouso, etc.
As principais oficinas d'este genero no paiz
PRODUCTOS CHIMICOS E FARMACEUTICOS
ESTABELECIMENTOS ALVARO CAMPOS
LISBOA — 103, L. Duas Egrejas PORTO — 90, Rua Sá da Bandeira

Telefones do "Diario de Lisboa" Redacção--C. 3194 / Administração--C. 3195

DE LONDRES

AS TROPAS INGLESAS VAO SAÍR BREVEMENTE DE CONSTANTINOPLA

LONDRES, 1

As tropas inglesas de ocupação da Turquia serão retiradas logo que o Tratado de Lausanne for ratificado pelo governo de Angora.

O correspondente especial do «Daily Mail», em Lausanne, diz que os aliados concordaram que quando se tratar da evacuação das regiões turcas ocupadas pelas tropas aliadas se estorçarão por proceder a essa evacuação na data fixada pelos turcos e que será logo a seguir á ratificação do Tratado pela Assembleia Nacional de Angora sem se esperar pela ratificação pelos parlamentos aliados. A conferencia tem feito rapidos progressos nos ultimos dias prevalecendo nela uma atitude geral de conciliação e podendo esperar-se que o tratado seja assinado muito em breve a menos que não surjam quaisquer circunstancias imprevistas.—(R.)

Escavações

no cemiterio da Igreja de S. Jorge

LONDRES, 1

Em Cravesend reuniu-se um comicio de protesto contra as escavações que têm sido feitas no cemiterio adestrito á Igreja de S. Jorge para descobrir os restos mortais da princesa pele vermelha Pocahontas que morreu ha 300 anos. As escavações têm sido feitas por um grupo de americanos que desejava transladar o cadaver da princesa para a Virginia. Até agora estes trabalhos não têm dado resultado.—(R.)

O salvamento

de quatro contra-torpedeiros

LONDRES, 1.

Uma firma de Glasgow fechou um contracto com o almirantado para proceder a trabalhos de salvamento de quatro contra-torpedeiros alemães afundados em 1919 em Scapa-Flow.—(R.)

TEATRO SAO LUIZ
Sexta-feira, 1, ás 9 horas da noite
Conferencia pelo maestro Conrado del Campo.
Obras de musica espanhola, para canto e piano, por D. Maria Amelia Cid Pereira Coutinho, D. Alice Rey Colaço, D. Adelaide de Lima Cruz, D. Maria Rey Colaço, D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso e côro de senhoras.
Versos espanhois, por D. Amelia Rey Colaço.
Concerto a dois pianos, por D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso e Tomás Téran.
Solo de violino por Franc. Benetó e José Bonet.
Coros orfeonicos mixtos sob a direcção do dr. Antonio Joyce.
BILHETES Á VENDA

POLITEAMA
EMPREZA LUÍS FERREIRA — Tel. 3028 N.
Companhia REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO
Extraordinario sucesso de ontem
2.ª representação da peça em 3 actos, de Norberto Lopes e Chianca de Garcia
FILHA DE LAZARO

"SANTINITINE"
O MELHOR DE TODOS OS LICORES
DEPOSITO GERAL
70, 2.º — RUA AUGUSTA — 70, 2.º
TELEF. C. 1196

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

O 19 DE OUTUBRO

O EFEITO

DA LEITURA

DA SENTENÇA

As manifestações dentro e fóra do Tribunal

(Continuação da 5.ª pagina)

—Estou inocente! Viva a Republica radical!

Os juizes, impassiveis, esperam que aquela explosão de odio se extinga.

—Viva a Republica Radical!—gritam todos.

Heitor Gilman:

—Foi a Republica que me condecorou e premiou por me ter revoltado. E' ela agora que me condena pelo mesmo motivo.

Palmela Arrebenta:

—Estou inocente! Quero morrer! Camilo de Oliveira é que me tirou o preso. Ele foi absolvido, eu fui condenado.

Abel Olimpio, outra vez:

—Srs. jornalistas! Srs. jornalistas! As familias das vitimas vão saber agora o nome dos criminosos... Estou contente, porque não me condenam por assassino. As minhas mãos não têm sangue.

E estas frases de odio e de justificação saem daquelas bocas, esfaimadas de voz já, roucas.

Então o juiz, grita:

—Comandante da guarda! Comandante da guarda! Leve esses homens! O que faz o senhor? Depressa! Ande!... Isto não pode ser!

A barafunda foi tal que os advogados não conseguem fazer os seus recursos de apelação. Todos os condenados querem apelar.

Mais gritos, mais vivas, nas escadarias, quando os presos vão a caminho da prisão.

Apesar dos reus terem vindo para o tribunal no «camion» do exercito, são conduzidos no da policia, para o forte de Sacavem. Os soldados de cavalaria, de espingardas aperradas, policia, guarda republicana, fazem linhas sucessivas de vigilancia á roda do automovel.

Da prisão para o carro os condenados, soltam gritos subversivos. Os comandantes da guarda, delicadamente, metem-nos no veículo.

A's 13,35 o «camion» conduzindo os presos subiu a rua da Veronica em direcção de Sacavem.

O Felix, antes de entrar para o carro celular, agarra-se ao seu defensor, sr. tenente Lorena, a chorar. O major sr. Marrecas Ferreira tem algumas palavras de reparo para este oficial, por ele não ter repelido o seu constituinte.

* * *

Os presos depois de estarem dentro do carro exclamam: Queremos agua, temos sede. O tenente, Abelha, comandante da guarda, manda buscar uma bilha com agua para lhes fornecer. Depois pede-lhes para que não façam mal ao Palmela Arrebenta, com quem alguns estão de relações cortadas.

* * *

Durante a madrugada deu-se uma scena de pugilato entre o Felix e o Messias, a que a força armada poz termo.

* * *

O espectaculo é triste. Os sargentos Matias e José Carlos aparentam boa disposição.

O sr. governador civil assistiu á saida dos presos.

* * *

No proximo dia 14 são julgados os oficiais e sargentos que estavam no Arsenal na noite dos acontecimentos, sendo o juri composto de almirantes.

Parece que o sr. almirante Camara Leme já não é defendido pelo sr. almirante Gago Coutinho.

ARMAZEM PRECISA-SE, Bairro Alto ou proximidades. Resposta: Largo do Conde Barão, 49.

COISAS DO NOSSO TEMPO

O DIVORCIO

APLICADO

AO INQUILINATO

Uma maneira curiosa de sofismar a lei

Estão em Lisboa, ha coisa de dias, três delegados das Juntas de Freguesia do Porto — os srs. Manuel José de Silva Guimarães, Joaquim Vizeu e Lourenço Rodrigues da Silva — com os quais se encontrou hoje um redactor do «Diario de Lisboa». Conversou-se — já se vê... — e o jornalista fez o possivel por conhecer os motivos que teriam trazido á capital aquele trio simpatico de visitantes.

Um amigo fez as apresentações; houve os apertos de mão e os «muitos prazeres» da praxe; o grupo abancou algures, numa casa de estar, da baixa; e a entrevista começou como começam todas as entrevistas: por uma pregunta do jornalista a desafiar para o dialogo o conhecimento de causa da pessoa a quem se pede a opinião ou a noticia.

E tal... e tal... foram-se dizendo coisas sem interesse de maior; foi-se encaminhando a conversa para o ponto que nos convinha; e, a certa altura, um dos delegados — o sr. Lourenço Rodrigues da Silva — depois de já se ter dito que a razão da visita era o problema do inquilinato, (uma representação ao parlamento, diligencias junto de varias outras entidades oficiais, etc.) teve esta frase, que julgámos aproveitavel para inicio das considerações a seguir:

— A nossa interferencia no caso determinou-a, unica e exclusivamente, o desejo honesto de conseguir que se proceda com justiça, sem lesar os direitos ou os interesses de ninguem — quer se trate de senhorios, quer se trate de inquilinos. A verdade é que...

— E' o quê?

— E' que, no tocante a inquilinato, o que se está passando, principalmente no Porto, é de todo o ponto intoleravel e gravissimo, não só para a moralidade social, mas até para o prestigio do regimen.

Os circumstantes concordaram, e o jornalista procurou pormenorisar:

— Não será exagero?

— Exagero, como? Se até já se chegou á desvergonha de aproveitar a lei do divorcio como pretexto para o despejo dos inquilinos?

— Essa agora!...

— E' como lhe digo. No Porto já ha casos destes. Um casal é proprietario de um predio cujo contracto de arrendamento se pretende anular...

— Para isso...

— Se se trata de bens dotais, os conjuges...

— Divorciam-se?

— Arranjam, de combinação, um escandalo familiar. O marido diz da mulher isto e aquilo; a mulher diz do marido aquilo e o mais que lhe convem para o conflito ser de tomo; se tanto fôr necessario, travam-se ambos de desordem — a fingir... já se vê — ; depois...

— Vem a policia...

— Um dos contendores requere o divorcio...

— O outro não protesta...

— E a justiça cumpre o seu dever.

— Depois, procede-se, então, ao despejo?

— Depois, conforme a lei, anula-se o contrato, os inquilinos vão para a rua...

— E os divorciados?

— Os divorciados continuam a viver juntos como se casados fossem!

Puzemos na extranha revelação umas poucas de exclamações, e o entrevistado, com o aplauso decidido dos seus companheiros de delegacia, contou mais casos interessantes.

Por exemplo: ha no Porto senhorios que exigem, num repente, aumento de renda cuja diferença vai de 180 para 600 escudos, de 800 escudos para 20 contos de réis, de 1 conto de réis para 18, etc.

Mais: grande parte dos senhorios nega-se a firmar com os inquilinos os competentes contractos de arrendamento, e até a entregar recibo das rendas pagas, de proposito para, em qualquer altura, poderem dispôr das casas sem defesa fundamentada das vitimas.

E á laia de sintese:

— Cometem-se as maiores violencias, praticam-se verdadeiras imoralidades. E o peior ainda...

— Ainda ha peior?

— Ha. Ha que de todo este estado de coisas, situações de facto que vão influir poderosissimamente no abandalhamento geral do caracter.

A explicação:

— Em primeiro logar, a instabilidade de domicilio, é a ruina certa dos lares, é a desagregação da familia, e, consequentemente, o definhamento progressivo da sociedade. Depois, são frequentissimos casos como este: Uma familia móra nuns tantos compartimentos que, para serem baratos — baratos na realidade — têem de ser poucos e acanhados. Casa-se um filho.

— Fica mais á vontade o resto da familia.

— Não diga tal. O filho, como não teve maneira nem posses para se instalar áparte, instala-se com a mulher em casa dos pais. De acanhado que é o domicilio, vivem todos em tal promiscuidade, que, nem os tabiques divisorios dos quartos bastam para lhes garantir a intimidade e o recato conjugal. Já vê...

* * *

— E que solução lembram as Juntas de Freguesia do Porto para o complicado problema?

— As Juntas, e com elas a Fraternal dos Inquilinos e a Associação Comercial do Porto, não querem senão isto: Que se garanta por lei a moradia, com justiça, com equidade, com honestidade, emfim.

— Só?

— Mais nada. Não queremos, de modo algum, que se lesem os interesses dos senhorios, porque não nos movem quaisquer intuitos de prejuiso, seja para quem fôr.

E dando a afirmação final:

— A lei, tal como está, dá margem a autenticas patifarias. E' preciso, portanto, que ela seja actualisada rpidamente, com justiça, com imparcialidade, de maneira que se acautelem com equidade os interesses de todos.

Doenças da boca e dos maxilares
Extracção de dentes e raizes com anestesia — Dentes artificiais
Em consulta especial para as classes menos abastadas e a preços de policlinica ás 10 horas no
Consultorio do Dr. Ferreira Pires
R. Jardim do Regedor, 51, L.º

ATLAS O MELHOR CALÇADO
Deposito da fabrica
RUA DO OURO, 198

LANIFICIOS
VIRGILIO ARRAIANO
COVILHÃ
Vendas directamente ao consumidor de fazendas para fatos de homem ou senhora
PEDIR AMOSTRAS

NOS DEPUTADOS

UM VOTO

DE SAUDAÇAO

AOS AVIADORES

Uma interpelação sobre o tratado com a França

Chamada á hora do costume. 42 deputados presentes. Na presidencia, o sr. Sousa Rosa. A leitura da acta demora perto de meia hora seguindo-se a do expediente, que tem quasi a mesma duração.

O sr. Fontoura da Costa, ministro da Agricultura, manda para a mesa, requerendo urgencia para ela, uma proposta de lei sobre o regimen cerealifero.

Depois, o sr. Leote do Rego manifesta o seu regosijo pelo exito da viagem aerea de Gago Coutinho e Sacadura Cabral. A proposito recorda que foi, agora, a primeira vez que no estrangeiro se fizeram justas referencias ao esforço português na grande guerra. Desenvolvendo as suas considerações, invoca o nosso passado colonial e aplaude a ideia de se transferirem os degredados de Loanda para outra possessão ultramarina.

Manda para a mesa uma proposta que realiza essa transferencia para uma das ilhas do arquipelago de Cabo Verde, e termina propondo um voto de saudação aos gloriosos aviadores, voto que é aprovado por unanimidade.

O sr. Serafim Barros defende calorosamente os vinhos do Porto contra uma nova marca, iminente no tratado de comercio com a França, que o projecto oficializa. E' a marca «Lisbone-Wine», em prejuizo da marca «Porto-Wine».

Acha que se trata dum assunto de alto interesse nacional e para ele chama a atenção do sr. ministro dos Estrangeiros, a quem presta as suas homenagens, garantindo-lhe que com a oficialidade do *Lisbon Wine* se pretende servir uma igrejinha de que fazem parte os srs. Carlos Gomes, Alvaro de Lacerda e outros. O que se deseja fazer—diz—é um crime de lesa economia nacional.

O sr. ministro dos Estrangeiros responde ao orador lembrando que, ainda não ha muitos dias, afirmou que em todos os tratados em negociações o governo tem na melhor conta os interesses do país. Afirma-o de novo, repetindo tambem que nenhuma convenção se fechará sem a sanção parlamentar.

O EXITO DAS CONFERENCIAS DOS AVIADORES EM PARIS

Um chá oferecido pelo pintor Sousa Lopes

PARIS, 1.—14.—Os aviadores portugueses continuam a ser objecto de homenagens, sendo todos os jornais unanimes em reconhecer a importancia das suas conferencias.

As revistas scientificas preparam-se para reproduzir e comentar as revelações do almirante Gago Coutinho.

O pintor português Sousa Lopes ofereceu um chá aos aviadores, ao qual assistiram personalidades da colonia.

O comandante Sacadura Cabral segue para Londres, com demora de poucos dias, logo que terminem as festas em honra do feito dos portugueses.—(E.)